



Pesquisar com crianças: o processo de ambientação do pesquisador em uma investigação etnográfica sobre amizades na Educação Infantil

Research With Children: The Researcher's Habituation Process in an Ethnographic Study of Friendships in Early Childhood Education

Investigar con niños: el proceso de adaptación del investigador en un estudio etnográfico sobre amistades en la Educación Infantil

Sandro Machado¹

Professor do Curso de Pedagogia no Centro de Educação a Distância da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis/SC, Brasil

Rodrigo Saballa de Carvalho²

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, RS/ Brasil

Recebido em: 05/04/2025

Aceito em: 12/08/2025

Resumo

O artigo é decorrente de uma pesquisa com crianças sobre amizades na Educação Infantil, no campo dos Estudos Sociais da Infância, cujo objetivo é discutir a ambientação do pesquisador no processo investigativo. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa etnográfica com crianças de 3 e 5 anos de idade em uma Escola Municipal de Educação Infantil. As estratégias de geração dos dados da pesquisa foram observação, diário de campo, conversas com as crianças e proposição de desenhos temáticos. O *corpus* de análise são episódios dos registros de campo, a partir dos quais serão discutidos os seguintes aspectos: o encontro do pesquisador com as crianças das turmas de 3 e de 5 anos na Escola de Educação Infantil; e a constituição de vínculos com as crianças no processo de ambientação do pesquisador em campo. Com base no artigo, infere-se a importância de que as contribuições das crianças nas pesquisas mobilizem o fazer investigativo, bem como as discussões conceituais propostas a partir da problematização do adultocentrismo que geralmente subjaz as investigações desse tipo.

Palavras-chave: Educação Infantil. Pesquisa com crianças. Ambientação do pesquisador.

Abstract

This article reports on a study with children about friendships in Early Childhood Education, within the field of Childhood Social Studies, aiming to discuss the researcher's habituation process during the investigation. Methodologically, it is an ethnographic study with children aged 3 to 5 in a Municipal Early Childhood Education School. Data were collected through observation, field diary, conversations with the children, and thematic drawings. The corpus of analysis consists of episodes from the field records, from which the following aspects

¹ sandrodarione@gmail.com

² rsaballadecarvalho@gmail.com

are discussed: the researcher's encounter with the 3- and 5-year-old classes; and the establishment of bonds with the children during the researcher's habituation process in the field. The study highlights the importance of children's contributions in mobilizing the investigative work, as well as conceptual reflections that challenge the adult-centrism often underlying studies of this kind.

Keywords: Early Childhood Education. Research with children. Researcher's habituation.

Resumen

Este artículo se deriva de un estudio con niños sobre las amistades en la Educación Infantil, en el marco de los Estudios Sociales de la Infancia, cuyo objetivo es discutir la adaptación del investigador en el proceso de investigación. Desde el punto de vista metodológico, se trata de una investigación etnográfica con niños de 3 y 5 años en una Escuela Municipal de Educación Infantil. Las estrategias para la generación de datos fueron la observación, el diario de campo, las conversaciones con los niños y la propuesta de dibujos temáticos. El corpus de análisis está compuesto de los registros de campo, a partir de los cuales se discutirán los siguientes aspectos: el encuentro del investigador con los niños de las clases de 3 y 5 años en la Escuela de Educación Infantil; y la formación de vínculos con los niños en el proceso de adaptación del investigador en el campo. Con base en el artículo, se infiere la importancia de que las contribuciones de los niños en las investigaciones impulsen el quehacer investigativo, así como las discusiones conceptuales propuestas a partir de la problematización del adultocentrismo que generalmente subyace a las investigaciones de este tipo.

Palabras clave: Educación Infantil. Investigación con niños. Adaptación del investigador.

Introdução

Por que pesquisar com crianças? O que caracteriza uma pesquisa com crianças na Educação Infantil? Quem são as crianças participantes da investigação? Quais são as implicações éticas e metodológicas de uma pesquisa com crianças no contexto educacional? Como ocorrem os processos de constituição de vínculo do pesquisador com as crianças no processo investigativo? Quais são os efeitos de uma pesquisa com crianças na vida de seus participantes e na instituição em que foi desenvolvida? Como a escuta e a participação das crianças são mobilizadas na pesquisa? Como as narrativas das crianças incidem na formulação da produção teórica sobre a temática investigada? As questões compartilhadas evidenciam a complexidade envolvida no processo de pesquisa com crianças, já que tal escolha implica o compromisso ético e político do pesquisador com a alteridade das crianças, mediante a escuta atenta dos modos como elas, a partir das relações sociais, atribuem sentidos à vida em sociedade. Nessa direção, argumentamos que pesquisar com crianças se caracteriza pela disponibilidade do adulto em constituir uma relação de confiança com as crianças, através da escuta sensível de seus interesses, confidências e sentidos atribuídos ao tema investigado.

Dessa forma, a pesquisa com crianças envolve a constituição de afetos em um processo alteritário de afirmação e interlocução com o que o outro – criança – tem a dizer. O processo de pesquisa relatado neste artigo se baseou no reconhecimento da interdependência entre adultos e

crianças, na problematização do adultocentrismo presente nas relações intergeracionais, bem como no conhecimento do contexto institucional de Educação Infantil no qual elas se encontram.

Pesquisar com crianças implica a problematização do *adultocentrismo* (Morales; Muñoz, 2024) que forma parte da vida em sociedade e incide nos modos como os adultos – familiares, professores, pesquisadores etc. – enxergam as crianças, produzem saberes sobre elas e pensam as ações de educação e cuidado na Educação Infantil. Adultocentrismo é entendido aqui como um “sistema de domínio que organiza e estrutura a maneira como ocorrem as relações nas diferentes dimensões da estrutura social e em todas as instituições de nossas sociedades” (Morales; Muñoz, 2024, p. 49, tradução nossa), atribuindo às crianças uma posição de subalternidade na esfera social. Nesse sentido, o adultocentrismo “[...] atribui capacidades e fazeres às crianças para que se tornem adultas no futuro, desconsiderando os aspectos singulares da própria infância, tornando esse momento da vida apenas uma passagem, apenas um vir a ser [...]” (Santiago; Faria, 2015, p. 73). Diante disso, conforme afirma O’Kane (2005), um dos maiores desafios dos pesquisadores que trabalham com crianças é saber lidar com as disparidades de poder entre adultos e crianças, o que envolve, entre outras questões, compor posições éticas que não sejam exclusivamente perspectivadas para os adultos. Dentro desse contexto, a autora parece apontar para uma relação entre a consolidação de interesse de pesquisadores sobre a opinião das crianças, debates a respeito de questões metodológicas de investigação, com implicações/mudanças em certas posições éticas hegemônicas no “campo” da pesquisa.

Ressaltamos que a preposição “com” expressa mais do que um marcador relacional, indicando uma pesquisa na qual há a presença de crianças. De fato, na “pesquisa com crianças”, há uma tentativa de resignificação, por parte do adulto que investiga, de um histórico de desigualdades sociais, decorrentes da posição social subalterna ocupada pelas crianças na sociedade, assim como da problematização das estruturas adultocêntricas que organizam e definem os processos de produção científica envolvendo crianças. Conforme argumenta Alderson (2005, p. 423), o debate sobre pesquisas “com” crianças foi se consolidando à medida que as crianças começaram a ser consideradas “sujeitos em vez de objetos de pesquisa”. O’Kane (2005, p. 143), por sua vez, aponta que, a partir da década de 1980, se iniciou um período de consolidação de um “interesse crescente em escutar as experiências e pontos de vista das crianças” (O’Kane, 2005, p. 143). Segundo a autora, estabeleceu-se, com isso, uma “mudança nos métodos de investigação, desde teorias que veem as crianças como ‘objetos de preocupação’, a métodos que entendem as crianças como ‘participantes ativos’” (O’Kane, 2005, p. 143).

Ainda de acordo com a autora, mudanças metodológicas precisaram também se tornar “objeto de reflexão (O’Kane, 2005).

Em tal perspectiva, o desenvolvimento de pesquisas com crianças na Educação Infantil demanda que seja pensada uma *pauta ético-metodológica* (Carvalho; Santos; Machado, 2022) que mobilize a atenção do pesquisador em relação às assimetrias de poder que envolvem a educação institucional em creches e pré-escolas, bem como a sua postura ética de respeito e compreensão das múltiplas formas de expressão das crianças. Partindo desse indicativo, a pauta ético-metodológica da pesquisa é constituída pelos princípios de promoção da escuta, da participação, da liberdade de expressão, da autonomia (enquanto possibilidade de escolha) e do respeito às crianças participantes da investigação. Considerando os princípios elencados, Carvalho, Santos e Machado (2022) apontam que, nas pesquisas com crianças, precisam ser mobilizadas ações referentes: a) à explicitação da concepção de ética que pauta a pesquisa proposta; b) à preferência por abordagens metodológicas participativas de investigação; c) à possibilidade de desenvolvimento de um trabalho de campo prolongado; d) ao compartilhamento do posicionamento social e epistemológico do pesquisador em relação à investigação proposta; e) à descrição dos processos metodológicos de investigação junto às crianças; f) à descrição da ambientação do pesquisador no contexto de pesquisa e à reflexividade emergente nesse processo; g) à elaboração de um Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) para as crianças em um formato que visibilize o tema da pesquisa e as ações a serem desenvolvidas; h) ao compartilhamento contínuo das estratégias de geração dos dados da pesquisa para as crianças, tendo em vista a obtenção de seus assentimentos; i) ao compartilhamento dos modos de obtenção da anuência da instituição, bem como do consentimento das famílias das crianças para a realização da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); j) ao planejamento da saída de campo e da devolutiva da pesquisa para as crianças, famílias e profissionais que atuam na instituição; k) ao encaminhamento do projeto de pesquisa para o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), via Plataforma Brasil, para a avaliação e aprovação da investigação proposta.

No âmbito da pauta ético-metodológica compartilhada, discutiremos especialmente neste artigo o que temos denominado de *processo de ambientação do pesquisador no contexto de pesquisa com as crianças*. Ambientação é o processo inicial de aproximação do pesquisador em relação às crianças, docentes e demais profissionais que atuam na instituição em que está sendo desenvolvida a investigação. Nesse sentido, optamos por ambientação do pesquisador ao invés de entrada em campo, por entendermos que uma pesquisa com crianças demanda a aproximação dos participantes a partir da

constituição processual de vínculos de confiança, respeito e reciprocidade no decorrer de um extenso período de trabalho de campo, durante o qual a entrada do pesquisador na instituição se torna presença na vida de todos os envolvidos no processo investigativo. Tal concepção de ambientação se sustenta no entendimento de que a ética é “[...] o sentido das ações do ponto de vista do que é humano ou desumano, bem ou mal, certo ou errado, no nível da práxis, como construção coletiva” (Santos, 2017, p. 249), a qual mobiliza a reflexão do pesquisador sobre as suas escolhas no processo investigativo.

De fato, a ambientação do pesquisador no contexto da investigação rompe com uma *visão instrumental de infância* (Morales; Muñoz, 2024), a partir do reconhecimento da instituição enquanto espaço de vida coletiva, em que as crianças têm os seus direitos reconhecidos e a possibilidade de exercício da cidadania. Em acordo com o exposto, consideramos que é necessário proporcionarmos às “[...] as crianças uma condição que [...] [seja] possível a elas participarem [...] [da] pesquisa não apenas como sujeitos a serem ‘contemplados’, de longe, mas como agentes sociais ativos” (Machado, 2019, p. 108). Composto esse debate, referenciamos também as discussões de Paula (2012, p. 226), quando afirma que “pesquisar com crianças se constitui de um complexo de etapas e desafios [que] não se resume em apenas [...] [gerar] dados e analisá-los, utilizando-se de metodologias e estratégias, como observações, desenhos, oficinas e relatos orais”. A pesquisadora ressalta que, em sua investigação, assumiu o “[...] lugar de quem cria[va] possibilidades de diálogo, de confronto entre dados, de análise de evidências, permitindo um espaço de negociação entre pesquisador [...]” (Paula, 2012, p. 228) e crianças.

Em vista disso, neste artigo, compartilharemos algumas possibilidades de mobilização desse amplo e complexo debate em torno das metodologias sobre pesquisas *com* crianças, a partir, neste caso, da apresentação de algumas estratégias que elaboramos para estabelecer uma relação afetiva para o processo inicial de assentimento das crianças em uma pesquisa e, por outro lado, a construção de adequações em nossos planejamentos metodológicos em virtude da maneira como as crianças que participaram do processo investigativo perceberam tais ações. Desse modo, com base nas contribuições dos Estudos Sociais da Infância (O’Kane, 2005; Silva; Barbosa; Kramer, 2008; Agostinho, 2010; Corsaro, 2011; Paula, 2012; Köngäs; Määttää, 2023; Machado, 2019, 2025; Morales; Muñoz, 2024), o objetivo deste artigo é discutir o processo de ambientação do pesquisador no âmbito de uma investigação com crianças sobre amizades na Educação Infantil.

As discussões a serem compartilhadas são decorrentes de uma pesquisa (Machado, 2025)³ cujo objetivo foi investigar os pontos de vista das crianças de 3 e de 5 anos sobre as suas amizades no cotidiano de uma Escola Municipal de Educação Infantil na cidade de Porto Alegre (RS). Metodologicamente, a *pesquisa etnográfica* (Köngäs; Määttä, 2023) envolveu, como estratégias de geração dos dados, a observação participante da jornada cotidiana das crianças, a escuta e o diálogo com as crianças, os registros escritos em diário de campo e propostas de elaboração de desenhos às crianças. Com base no exposto, a partir da pesquisa desenvolvida, evidenciamos que as crianças atribuem uma variedade de sentidos à amizade no contexto das relações inter e intrageracionais que constituem no cotidiano da Educação Infantil. Desse modo, as crianças colocam em suspenso a perspectiva dicotômica adulta de que somente é possível ser ou não ser amigo. Para elas, existem diferentes nuances no que diz respeito à amizade na jornada cotidiana institucional.

Conforme discutimos detalhadamente em artigo anterior (Machado; Carvalho, 2025)⁴, as crianças atribuem sentidos às suas amizades: a) a partir das mediações de adultos nas quais há o uso generalizado do termo amigo, baseado no imperativo de que, na Educação Infantil, “todas as crianças são ou devem ser amigas”; b) em suas interações com os pares na jornada cotidiana da Educação Infantil; c) por meio de expressividades performáticas no âmbito das brincadeiras; d) ao reconhecer os seus pares como sendo “mais, menos ou mais ou menos amigos”. Diante disso, no âmbito da pesquisa desenvolvida:

[...] a amizade entre crianças é entendida conceitualmente como um conjunto de normas, regras e premissas que, ao serem apreendidas e (re)interpretadas pelas crianças – na sensibilidade com que conseguem se expressar –, se desdobram em diferentes estratégias usadas em suas relações sociais para dar conta das diferentes preferências que elas estabelecem por estarem junto (ou não) a determinados colegas (Machado; Carvalho, 2025, p. 3).

Mediante o exposto, destacamos que, neste artigo, o enfoque é especificamente a discussão sobre os aspectos éticos e metodológicos da pesquisa desenvolvida. Por isso, com base nos registros do diário de campo dos quais decorrem os episódios de pesquisa, focalizaremos a discussão no processo de ambientação do pesquisador em campo a partir de duas unidades analíticas: 1) o encontro do

³ Pesquisa de Doutorado em Educação desenvolvida com bolsa Capes no período de 2021 a 2024 no âmbito do Programa de Pós-Graduação da UFRGS (PPGEDU/UFRGS) na linha de pesquisa Estudos sobre Infâncias, sob a orientação do Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho, no Grupo de Pesquisa sobre Currículo, Linguagens e Cotidiano de Bebês e Crianças Pequenas (CLIQUE/UFRGS/CNPq). Ressaltamos que a investigação foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS) – CAEE 66025222.1.0000.5347.

⁴ Informamos que, em Machado e Carvalho (2025), apresentamos um inventário conceitual de autores nacionais e internacionais do campo dos Estudos Sociais da Infância que abordam a temática da amizade entre crianças na Educação Infantil.

pesquisador⁵ com as crianças das turmas de Maternal (3 anos de idade) e de Jardim (5 anos de idade) na Escola de Educação Infantil; 2) a constituição de vínculos com as crianças no processo de ambientação do pesquisador em campo. Com as análises, foi possível inferirmos a importância do processo de ambientação do pesquisador em campo. Para tanto, teve destaque a promoção da escuta e da participação das crianças no processo de constituição de vínculos entre pesquisador e crianças, bem como a interlocução respeitosa com as crianças no processo de geração dos dados da pesquisa, mediante a problematização do *adultocentrismo* (Morales; Munõz, 2024) geralmente subjacente às investigações desse tipo.

Assim, o artigo está organizado em cinco seções. Após esta seção introdutória, na segunda seção discutiremos o conceito de ambientação, assim como a necessidade de problematização do adultocentrismo na pesquisa com crianças. Na terceira e quarta seções, focalizaremos a discussão analítica em episódios de pesquisa nos quais evidenciaremos, respectivamente, o encontro do pesquisador com as crianças participantes da investigação e a constituição de vínculos com as crianças na pesquisa. Por fim, na quinta seção, apresentaremos as considerações finais do artigo, compartilhando reflexões sobre a importância de que sejam afirmados os direitos das crianças nos processos de investigação que as têm como interlocutoras privilegiadas.

O processo de ambientação e problematização do adultocentrismo na pesquisa com crianças

Em um contexto de pesquisa *com* crianças, a produção de um conhecimento científico que acolha as expressividades, manifestações e opiniões das crianças exige dos pesquisadores envolvidos nesse processo a elaboração de estratégias para uma produção conceitual e metodológica que acautele possíveis constrangimentos para os participantes, mas que também possibilite a eles *espaços conceituais em aberto* para que a construção de conhecimento científico entre adultos e crianças possa se efetivar.

No âmbito da pesquisa com crianças, uma das tensões contemporâneas enfrentadas se refere à problematização da compreensão adultocêntrica de que “as crianças não podem esperar ter direitos iguais aos dos adultos, porque não possuem as competências necessárias para o exercício de tais direitos” (Tomás, 2007, p. 54). Em relação ao exposto, Tomás (2007, p. 54) afirma que esse

⁵ O artigo foi escrito em coautoria, todavia a pesquisa de campo foi realizada apenas pelo primeiro autor do artigo.

entendimento “[...] continua a se perpetuar como o argumento mais poderoso e inibidor de desenvolvimento de um projeto de cidadania da infância”.

Por essa via, Tomás (2007) defende a noção de “cidadania ativa” como possibilidade de os adultos promoverem condições para que as crianças se manifestem sobre questões implicadas em seus modos de vida na sociedade. Nesse sentido, inspirados nas considerações de Tomás (2007), entendemos que a discussão sobre o processo de *ambientação* do pesquisador em uma investigação etnográfica com crianças no contexto de uma escola de Educação Infantil tem o potencial de promover a constituição de vínculos de confiança, assim como condições respeitadas de interação e afirmação dos direitos das crianças, no intuito de que elas possam expressar os seus pontos de vista durante o processo investigativo a respeito do tema investigado. Nesse contexto, definimos a *ambientação* como um conjunto de ações metodológicas intencionais que visam à promoção de aproximações iniciais geradoras de vínculos relacionais entre o pesquisador e as crianças. A *ambientação* demanda uma *entrada reativa* (Corsaro, 2011) do pesquisador em campo, assim como que se reconheça a criança enquanto “[...] sujeito social e político, que não somente habita o mundo de forma passiva, mas que também o cria, recria e o transforma” (Morales; Munõz, 2024, p. 34, tradução nossa) em interdependência com os adultos.

Em tal direção, argumentamos que os pesquisadores precisam se sensibilizar em relação à importância da escuta das crianças e da legitimação de suas formas de expressão e participação, as quais muitas vezes divergem das expectativas adultas. Assim, para a consolidação de uma perspectiva participativa de realização de pesquisas com crianças, é necessário, conforme apontam Morales e Munõz (2024, p. 49, tradução nossa), reconhecermos que “[...] o adultocentrismo organiza e define o modo como ocorrem os vínculos entre o mundo adulto e as novas gerações em nossas sociedades”. A partir do dito pelos autores, é possível depreendermos que o adultocentrismo se encontra “[...] nas escolas, nas famílias e em todos os âmbitos onde meninos e meninas vivenciam a sua infância e seus processos de socialização [...]”, constituindo as formas como vemos as crianças, pensamos a sua educação e partilhamos com elas a vida em sociedade. Por essa via, pensar o processo de *ambientação* do pesquisador no trabalho de campo em uma pesquisa com as crianças é um investimento ético e político na promoção de uma relação intergeracional horizontal, na qual os interlocutores da pesquisa tenham a possibilidade de exercer os seus direitos.

Durante as observações e registros em uma pesquisa com crianças, o pesquisador precisará realizar uma série de inferências, suposições e elaborações de hipóteses a respeito daquilo que percebe

ou mesmo sente em campo. Contudo, temos ressaltado que essas percepções adultas não devem se sobrepor às expressividades apresentadas pelas próprias crianças. Portanto, consideramos que a pesquisa ocorre no encontro e no reconhecimento da alteridade das crianças – processo que se inicia na ambientação do pesquisador no campo de pesquisa com as crianças, conforme abordaremos na próxima seção.

O encontro do pesquisador com as crianças das turmas de 3 e de 5 anos na Escola de Educação Infantil

Abrço coletivo

Nesta tarde, iniciei a minha ambientação com o Maternal 2 (crianças de 3 anos). Após uma conversa com a equipe diretiva, fui acompanhado até a sala da turma. **Ao entrarmos, encontramos as crianças sentadas no chão com a professora que, ao nos ver, anunciou: “Crianças, olha quem chegou!”, despertando a curiosidade de todos.** Após o anúncio da minha chegada pela professora, **uma série de troca de olhares tomou conta do ambiente, e o silêncio foi instaurado por alguns instantes.** A professora, então, compartilhou uma sugestão: “Vamos dar ‘oi’ para o professor?”. **As crianças, então, praticamente em coro, responderam: “Ooooi!”.** Algumas crianças, timidamente, ensaiaram vir em minha direção, mas pararam no meio do caminho. Como resposta, avancei também alguns passos na direção das crianças. **Então, duas crianças correram em minha direção e me abraçaram com força. Outras crianças, a partir disso, vieram em nossa direção também e se juntaram a nós para um “abraço coletivo”** (Diários de pesquisa, abril de 2023, grifos nossos).

Essa calorosa receptividade oferecida pelas crianças da turma do Maternal 2 (crianças de 3 anos) foi de extrema importância para o pesquisador, no sentido de suavizar possíveis tensionamentos que poderiam ocorrer em um momento como esse, de indefinições e incertezas; afinal de contas, era uma nova relação que se iniciava naquela tarde. Além disso, a preocupação da professora em informar com antecedência às crianças sobre a visita a ser recebida naquele dia talvez tenha sido determinante para estabelecer um ambiente confortável para as crianças a respeito da chegada do pesquisador na turma.

Conforme uma decisão tomada previamente durante a preparação do pesquisador para vivenciar seu primeiro dia com as crianças, os registros de pesquisa iniciais não ocorreram de forma constante. Esses registros foram sendo elaborados em determinados momentos daquela tarde, pois, como o objetivo era ambientar-se na turma e, sobretudo, contribuir para que a própria turma se ambientasse à presença do pesquisador, entendemos que tal estratégia seria a mais adequada para “suavizar” a entrada na escola. Após a conclusão da conversa com as crianças, a professora comentou: “Vamos nos apresentar para o professor?”, solicitando que cada uma das crianças dissesse o seu nome. Algumas crianças anunciaram seus nomes em voz alta; outras levantaram-se e foram até o pesquisador para se apresentar. Houve ainda aquelas crianças que se manifestaram mais comedidamente, quase não sendo

possível escutar suas vozes. Por fim, todas as crianças tiveram um tempo para falar e, da mesma forma, tanto a professora quanto a monitora se apresentaram.

Ao término da rodada de apresentações, a professora comentou com as crianças: “O professor está na escola para passar um tempo conosco, não é mesmo, professor?”. O pesquisador respondeu: “Sim! Quero conhecer vocês e os amigos de vocês, pode ser?”. Assim que concluiu sua resposta, o pesquisador escutou um sonoro e longo “sim” das crianças, e algumas delas levantaram-se rapidamente e, indo em sua direção, começaram a anunciar quantos amigos tinham ou quem eram eles.

Naquela oportunidade, o pesquisador também conversou com a professora e a monitora sobre questões relativas à rotina da turma, enquanto as crianças interagem e brincavam em uma das áreas do pátio da escola. A professora, por já conhecer algumas crianças do grupo, relatou sua percepção a respeito da maneira como elas se relacionavam entre si naquele começo de ano. Tais informações foram importantes para a composição dos registros de pesquisa, pois auxiliaram o pesquisador a dimensionar com maior precisão uma contextualização prévia do grupo, uma vez que grande parte daquelas crianças já se conheciam, pois haviam sido colegas nos anos anteriores na própria escola.

Contudo, em determinado momento dessa conversa, o pesquisador acabou sendo “convocado” por algumas crianças a brincar de “pega-monstro” – uma brincadeira de “pega-pega”, na qual quem pega faz o papel de “monstro”. Durante essa brincadeira, o pesquisador também interagiu com outras crianças da turma, ajudando algumas delas a brincar no balanço ou provando “comidas de terra” preparadas especialmente para ele, tudo de modo simultâneo. Alguns dias depois do episódio compartilhado, chegou o momento de conhecer a turma do Jardim B (crianças de 5 anos). A partir de um contato prévio com a docente, foi combinado que o turno da tarde seria indicado para o primeiro encontro do pesquisador com as crianças:

O meu apelido é ...

Na tarde de hoje, comecei o processo de ambientação com o Jardim B (crianças de 5 anos). Ao chegar na sala, encontrei as crianças da turma ainda despertando do momento de descanso. **A professora, então, ao cumprimentar-me, perguntou: “Posso te chamar de professor também?”. Respondi que sim, enquanto observava as crianças despertarem.** Assim que as crianças acordaram, arrumaram suas camas e se acomodaram em suas mesas, a professora me explicou que elas estão aprendendo seus próprios apelidos e **pediu para que cada uma se apresentasse a partir deles. Em geral, seus apelidos eram supressões de seus nomes.** Nesse momento, lembrei que meu apelido – que pouco uso – é mais extenso que meu próprio nome. Quando chegou minha vez de me apresentar, disse à turma: “Oi, crianças! Meu nome é Sandro, e meu apelido é Sandrito!”. **Percebi um certo estranhamento da turma.** Logo após essa rodada de apresentações, algumas crianças vieram em minha direção para conversar comigo. **Uma delas, Fabiana⁶, me**

⁶ Os nomes das crianças são fictícios, tendo em vista a preservação de suas identidades.

contou que havia perdido um dente, e mostrou seu dente novo, “recém-nascido” (Diários de pesquisa, abril de 2023, grifos nossos).

Assim como ocorrido com a turma de Maternal (crianças de 3 anos), a identificação do pesquisador na escola, para as crianças e os adultos, ocorreu a partir da posição de professor. As crianças da turma de 5 anos também foram avisadas previamente desse encontro, o que implicou um ajuste no horário do descanso delas – e, por isso, na chegada do pesquisador na turma, algumas crianças ainda estavam acordando. Após as apresentações iniciais, um grupo de crianças teve a iniciativa de conversar diretamente com o pesquisador, mostrando brinquedos ou relatando situações vividas por elas, como Fabiana.

Ao chegarem no pátio, as crianças espalharam-se para brincar. Por um tempo, a professora e o pesquisador conversaram sobre a escola e seu funcionamento. A professora colocou-se à disposição para ajudar no que fosse possível, dizendo que também conversava com as crianças sobre “o respeito a todos os amigos”. Após essa conversa inicial com a professora, o pesquisador decidiu sentar-se em um dos bancos giratórios da praça (o gira-gira) que, naquele momento, não estava sendo usado pelas crianças. Em determinado momento, Fabiana decidiu conversar com o pesquisador novamente. A menina perguntou se poderia cantar uma música, cuja letra era em inglês. Ao final da canção, ela perguntou ao pesquisador se ele conhecia aquela música para, então, sentar-se ao seu lado e explicar que aquela letra era uma homenagem de uma cantora para seu pai, que havia morrido.

No momento da janta, a professora apresentou o pesquisador para algumas das funcionárias que atuavam na cozinha, o que lhe possibilitou explicar quem ele era, o que estava fazendo na escola e qual era a proposta de sua pesquisa. Ao retornarem para a sala, a professora e a monitora prepararam o espaço para uma contação de história. Bianca, uma das crianças, conversou com o pesquisador, mostrando sua camiseta, que havia sido presenteada pela sua avó. Assim que as atividades foram finalizadas, as crianças sentaram-se ao chão e Bianca perguntou se poderia escutar a história sentada ao lado do pesquisador. Então, mediante a autorização da professora ao pedido da menina, a contação se iniciou. Ao término da história, o pesquisador despediu-se da turma. Adriano, uma das crianças, perguntou se ele voltaria no dia seguinte. O pesquisador aproveitou aquele momento para explicar: “Eu vou vir outros dias também para conhecer um pouco melhor a turma de vocês, pode ser?”. Entre respostas como “sim”, “tá bem”, acenos com a cabeça e gestos de “positivo” com as mãos, entendemos que naquela tarde havíamos alcançado o nosso objetivo de iniciar um processo de ambientação com a turma e de apresentação para as pessoas que trabalhavam e/ou faziam parte do contexto daquela

Escola de Educação Infantil. Prosseguindo a discussão, na próxima seção será focalizado o processo de constituição de vínculos do pesquisador com as crianças participantes da pesquisa a partir do processo de ambientação em campo.

A constituição de vínculos do pesquisador com as crianças no processo de ambientação em campo

Ao descrevermos esses primeiros passos da pesquisa, procuramos narrar o início do processo investigativo ocorrido na Escola de Educação Infantil. Por se tratar de um período em que vários procedimentos de ordem metodológica precisaram ser (re)organizados, entendemos ser pertinente apresentá-los como um momento de *ambientação* de um processo de assentimento das crianças que participaram da investigação. Inicialmente, estabeleceu-se, entre a equipe diretiva e as professoras, um cronograma para os primeiros encontros do pesquisador com as crianças que se adequasse aos seus planejamentos. Esse prazo possibilitou que as professoras pudessem explicar às crianças que elas receberiam a visita de um professor/pesquisador de fora da escola. Em tal perspectiva, o pesquisador também planejou uma apresentação da investigação adequada à faixa etária das crianças da turma de 3 e de 5 anos de idade. Foi uma apresentação estendida por vários dias, para que fosse possível buscar uma equalização entre os tempos e prazos acadêmicos – a necessidade acadêmica de desenvolver a pesquisa dentro de um cronograma – e as temporalidades das crianças, nas suas diferentes maneiras de compreensão daquele encontro. Isso porque havia o entendimento do pesquisador de que as crianças “não significam o tempo do mesmo modo que os adultos” (Carvalho, 2015, p. 124). Assim, evitamos “um aceite ‘apressado’ das crianças” (Machado, 2019, p. 110), algo dissonante da nossa concepção de pesquisa com crianças. De fato, “compreendemos que as crianças têm o direito de serem informadas sobre a pesquisa, e [que] esse movimento precisa ser realizado de maneira contextual [...]” (Carvalho; Santos; Machado, 2022, p. 42).

Na segunda visita do pesquisador à turma das crianças de 3 anos, por exemplo, algumas delas, como Bruna, Liz e Samuel, ao perceberem a sua chegada na sala-referência, o chamaram pelo seu nome. Outras crianças também o cumprimentaram, sem fazer essa referência. Liz, em determinado momento, mencionou o nome do pesquisador para Clara, talvez porque estivesse explicando para sua colega quem era esse novo “professor”. Havia também crianças como Francisco, que não esteve presente no primeiro encontro, o que levou o pesquisador a realizar uma nova apresentação – reiterando quem era, por que

estava na escola, entre outras perguntas elaboradas pelas crianças que foram emergindo nesse contexto investigativo.

Situações como essas ratificam a necessidade de se pensar um processo estendido de apresentações para as crianças, para que elas possam se ambientar gradualmente à presença de um pesquisador no contexto da turma. Do ponto de vista do cronograma desenvolvido na pesquisa, as primeiras três semanas (aproximadamente) em cada turma acabaram sendo dedicadas a realizar um processo gradual de apresentação e constituição de vínculo com as crianças. Dentro desse período, a professora da turma do Maternal (crianças de 3 anos) relatou que, em um dia em que o pesquisador não esteve na escola, Bruna perguntou se ele os encontraria naquele dia. Segundo seu relato, ela aproveitou a oportunidade para perguntar às crianças se elas estavam gostando da presença do “novo professor” na turma. De acordo com a professora, as manifestações das crianças foram positivas.

Consideramos a mediação da professora com as crianças muito pertinente, pois, sem a presença do pesquisador, entendemos que as crianças se sentiram mais à vontade para conversar com ela sobre eventuais desconfortos em relação à sua presença. Nesse caso, trata-se de uma postura respeitosa no que tange ao ponto de vista das crianças, sobretudo por estarmos, naquele momento, iniciando um processo investigativo. Nessa perspectiva, defendemos a necessidade de que o pesquisador planeje um processo contínuo de ambientação para que possa perceber, a partir das manifestações das crianças, se a sua presença está sendo aceita no contexto institucional de desenvolvimento da pesquisa. Ao final do referido período inicial de ambientação, uma vez que as famílias previamente informadas, através de uma reunião com o pesquisador, entregaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinados, autorizando o pesquisador a conversar com as crianças sobre a continuidade de sua permanência nas turmas, optamos por adotar estratégias de diálogo com as crianças, que incluíram a apresentação de um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Por meio dos estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa Currículo, Linguagens e Cotidiano de Bebês e Crianças Pequenas (CLIQUE/CNPq/UFRGS)⁷, temos defendido que o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) é um documento fundamental na composição da produção de uma pesquisa *com* crianças. Desse modo, há um princípio político em pauta na proposição do TALE, pois tal documento denota o reconhecimento formal de que a opinião das crianças é fundamental para a realização de uma investigação com elas. Afinal, como apontam Pereira, Gomes e Silva (2018, p. 761), é preciso indagarmos

⁷ O Grupo de Pesquisa CLIQUE/CNPq/UFRGS pode ser acessado no site: <https://www.ufrgs.br/cliique/>.

“Qual o lugar das crianças na teoria que produzimos sobre elas?”. Nesse sentido, “reaprender a escutar [as crianças] é decisivo para podermos desenvolver relações intergeracionais onde o diálogo de saberes seja possível” (Morales; Muñoz, 2024, p. 132, tradução nossa).

Assim, do ponto de vista do pesquisador que o elabora, pode-se abordar o TALE em duas etapas. A primeira etapa diz respeito ao planejamento e à elaboração do documento, tendo em vista a comunicação da pesquisa às crianças. No caso da nossa pesquisa, elaboramos um livro descrevendo as ações da investigação para ser ilustrado com as crianças em interlocução com o pesquisador. Na sequência, a segunda etapa se refere ao compartilhamento do TALE com as crianças. Desse modo, após a apresentação do livro pelo pesquisador, narrando a investigação, as crianças tiveram a possibilidade de expressar o assentimento em participar ou não da pesquisa.

Em relação à turma do Jardim (crianças de 5 anos), após a chegada do pesquisador, a professora explicou que ele “desenvolveria uma proposta de desenho com elas”. A turma foi organizada em grupos, e o pesquisador teve a possibilidade de interagir com todos os presentes. Em um primeiro momento, foi apresentado o TALE ilustrado para as crianças, o qual narrava em detalhes todas as ações do pesquisador em campo, como as observações nos diferentes momentos da jornada cotidiana, a oferta das propostas de desenho, os registros fotográficos etc. Posteriormente, as crianças receberam o TALE e materiais gráficos para ilustrar o documento, conforme poderá ser acompanhado no episódio a seguir:

A gente pode inventar?

Após as orientações iniciais da professora, **comecei a apresentação do TALE para a turma, que estava organizada em grupos**. Compartilhei o TALE ilustrado com as crianças e ressaltei que precisava da permissão delas para realizar a pesquisa sobre as amizades na turma. **Através do TALE ilustrado, mostrei nas imagens que iria acompanhá-las e observá-las na sala-referência, no pátio da escola, durante as brincadeiras e também nos demais momentos do dia na escola, como nas ocasiões de alimentação, descanso, assim como nas aulas de educação física, música etc.** As crianças, atentas, demonstraram curiosidade em relação ao que estava sendo informado. **Então, perguntei: “Vocês gostariam de participar da pesquisa?”. Ouvi as crianças em uníssono dizendo: “Eu quero participar”.** Expliquei às crianças que quem não quisesse participar não haveria problema; todavia, as crianças me cercaram e afirmaram novamente o desejo de participar. **Nesse momento, distribuí para as crianças o TALE para ser ilustrado como demonstração de aceite em participar da pesquisa.** Após um certo espanto com o tamanho do documento – tamanho A3 –, as crianças se manifestaram: “Eu gostei!”, disse Ana. “O que precisa fazer nesse livro?”, perguntou Tiago. **Mostrei o livro para as crianças, distribuí os materiais gráficos e indiquei os espaços destinados aos desenhos da capa, da escola e do autorretrato delas demonstrando que gostariam de participar da pesquisa.** Atento à explicação, Tiago me indagou: “O que é capa?”. Nesse momento, peguei um livro literário que havia na sala e disse para as crianças: “Observem, esta é a capa ilustrada do livro. No caso do livro de vocês, também será possível desenhar na capa”. “A gente já fez antes isso, quando criamos o livro da vida da nossa turma”, disse Ana. De fato, a menina se lembrou de uma proposta que eles haviam realizado com a professora. **Após esse diálogo, Tiago perguntou novamente: “A gente pode inventar?”, referindo-se ao símbolo escolhido como aceite para a pesquisa. Respondi**

positivamente ao menino: “Sim, Tiago. O livro é de vocês. Desse modo, cada um pode criar os desenhos do modo que quiser”. Então, Tiago comentou com Ana: “A gente pode inventar!”. Ana, então, respondeu: “Eu sei que pode inventar, só que eu vou fazer o símbolo da liberdade, que eu sei fazer” (Diários de pesquisa, maio de 2023, grifos nossos).

As crianças ilustraram os seus livros (TALE) em tempos e modos diferentes: alguns desenhos eram muito coloridos; outros, com uma ou duas cores. Os tempos para a realização das ilustrações também foram distintos. Algumas crianças terminaram rapidamente e outras demandaram um tempo mais estendido. As folhas em tamanho A3 de papel reciclado que constituíam os livros geraram diferentes manifestações das crianças. Algumas crianças pareceram surpresas com o tamanho das folhas. Outras disseram nunca ter visto folhas daquele tamanho e cor antes! Uma das crianças, Luis, ao escutar as orientações do pesquisador, disse: “Professor, eu não sei escrever!”. Talvez por possuir uma parte escrita no documento, o menino possa ter inferido que haveria a necessidade de uma escrita por parte dele; no entanto, expliquei a todos que não seria preciso escrever. Assim, foi preciso realizar algumas alterações no que havia sido planejado inicialmente em relação a como se daria a apresentação do TALE para as crianças, como, por exemplo, quanto à leitura do texto de apresentação do TALE, escrito no próprio documento. O TALE a ser ilustrado pelas crianças foi produzido em uma folha de papel reciclado em tamanho A3, em frente e verso, sendo que cada um dos lados foi dividido em três partes iguais para que o documento fosse dobrado, constituindo, assim, uma carta para as crianças. Cada um dos lados desse documento continha breves (e necessárias) informações referentes a uma apresentação do pesquisador e da própria pesquisa em questão.

A experiência aprendida nesse processo de apresentação do TALE para as crianças da turma do Jardim (crianças de 5 anos) levou o pesquisador a pensar alguns ajustes para a apresentação do documento às crianças do Maternal (crianças de 3 anos de idade). Dessa forma, assim como realizado com a turma do Jardim, explicamos para a professora do Maternal a necessidade de construirmos um novo movimento com as crianças de apresentação do pesquisador e do propósito da sua permanência na escola através do compartilhamento do TALE. Contudo, diferentemente do Jardim, combinamos com a professora que a apresentação do TALE seria realizada em dois momentos. No primeiro momento, o pesquisador conversaria novamente com as crianças sobre a sua permanência na turma. Porém, nessa ocasião, o TALE ainda não seria apresentado para as crianças. Ou seja, como as crianças eram menores, apresentaríamos o TALE somente em um segundo momento, formalizando nossa parceria com as crianças, conforme compartilhamos no episódio a seguir:

Assentimentos das crianças em processo

O encontro de hoje com o Maternal (crianças de 3 anos) ocorreu no turno da tarde. **Ao chegar na sala, as crianças já estavam acordadas.** A professora havia solicitado às crianças que se sentassem nas cadeiras, formando um círculo. **Cumprimentei a turma de forma geral, dizendo: “Boa tarde, crianças!”. As crianças responderam em uníssono, retribuindo a saudação.** Samuel, que estava sentado, compartilhou uma nova saudação: “Oi, professor!”. Então, imediatamente retribuí: “Oi, Samuel!”. Então, começamos uma nova rodada de saudações, com cada uma das crianças me cumprimentando individualmente, esperando que eu mencionasse o nome de todas elas individualmente. **No final dessa rodada de apresentações, escutei uma voz me saudando, que não estava na sala: “Oi, professor!”. Olhei para as crianças e perguntei: “Quem está falando?”. As crianças responderam: “A Manuela está falando do lado de fora da sala!”. Todos começaram a rir.** Passada essa rodada, a professora informou às crianças que eu teria um “recado para elas”. Posicionado próximo ao círculo formado pelas crianças, em pé, perguntei: “Crianças, vocês lembram quando eu cheguei na turma?”. Parte da turma respondeu positivamente. Outras crianças apenas continuaram me olhando, enquanto algumas brincavam com os pés das cadeiras. **Então, prossegui: “Eu gostaria de saber se vocês tão gostando das minhas visitas e se eu posso continuar vindo na turma, pois eu gostaria de saber um pouco mais a respeito dos amigos que vocês têm”. Como anteriormente, boa parte da turma respondeu positivamente com um sonoro e longo “sim”. Contudo, depois dessa resposta, Liz respondeu em voz alta: “Nããoo!”. Inicialmente achei estranho a manifestação da menina em um primeiro momento, pois ela havia acabado de responder junto com a turma.** Assim que respondeu, Liz colocou as duas mãos sobre a boca. Bruna e Samuel, que estavam ao seu lado, começaram a rir. **Liz fez força para não rir com os colegas, até não aguentar mais, juntando-se a eles nas risadas** (Diários de pesquisa, maio de 2023, grifos nossos).

Entendemos que a decisão por ampliar temporalmente o processo de consulta junto à turma do Maternal sobre a continuidade da pesquisa foi importante. Isso porque a compreensão das crianças dessa turma em relação ao processo da chegada e permanência do pesquisador na escola foi sendo construída, em grande medida, dentro de um tempo mais estendido se comparado aos tempos percebidos na turma do Jardim. Desse ponto de vista, consideramos que “é fundamental haver a reflexividade do pesquisador em campo [...]” (Carvalho; Santos; Tebaldi, 2023, p. 41).

No desenvolvimento dessas estratégias para a continuidade da permanência do pesquisador na escola, foi necessário ir se adequando, da perspectiva de uma organização metodológica, às contingências que emergiram do contexto social investigado. Ou seja, o planejamento que havia sido elaborado inicialmente por nós foi sendo redesenhado, à medida que nos deparamos com as circunstâncias experienciadas com as crianças na escola. Em razão disso, salientamos que uma pesquisa com crianças com essas características demanda dos pesquisadores uma constante revisão sobre seu próprio agir investigativo, mobilizando uma *vigilância epistemológica* (Fernandes; Souza, 2020) das suas ações.

De fato, a realização de pesquisa com crianças deve levar em consideração a construção de um conhecimento científico que não esteja à parte das expressividades, manifestações e opiniões das crianças, tanto diretamente, para aquelas que participam do processo, quanto indiretamente, do ponto

de vista de uma contribuição para o debate acadêmico. Portanto, “[...] ouvir as crianças demanda a utilização de metodologias investigativas participativas, assim como de estratégias de geração de dados que respeitem a alteridade delas” (Carvalho; Santos; Tebaldi, 2023, p. 23). Mediante a discussão desenvolvida, na próxima seção serão compartilhadas as considerações finais do artigo.

Considerações finais

Relatos sigilosos

Durante a **sessão de desenhos temáticos** de hoje com as crianças do JB (crianças de 5 anos), **um acontecimento intrigante ocorreu entre os meninos. Eu estava observando o grupo realizar seus desenhos e, ao mesmo tempo, fazia alguns registros com um grupo de 5 crianças, enquanto o restante da turma estava no pátio.** Após certo tempo, **Adriano veio em minha direção com seu desenho na mão. Como de costume, perguntei a ele sobre seu desenho, e ele prontamente começou a contar que desenhou um grande ônibus amarelo que estava no pátio da escola com alguns de seus colegas – que eram considerados seus amigos, conforme seu relato.** Ocorre que, enquanto conversávamos, as crianças que ainda estavam desenhando escutaram o relato do menino. E, no momento em que ele começou a elencar quem estaria com ele no ônibus, um dos meninos, **Luis, perguntou em voz alta: “E eu?”, referindo-se à percepção de sua ausência no desenho de Adriano. Eduardo, que também desenhava no momento, entrou na conversa: “Ele não desenhou você!”. Parecendo confuso, Luis novamente perguntou: “Eu não estou no desenho?”, enquanto olhava para Adriano.** As crianças sabiam – porque essa era a proposta – que apenas os amigos apareceriam nos desenhos uns dos outros. **Adriano, vendo a cena, virou-se para mim, dizendo: “Tudo bem, ele também está”. Logo depois, as demais crianças começaram a perguntar se também estavam presentes no desenho do menino.** Adriano pareceu um pouco atordoado com a reivindicação de seus colegas e, observando toda a cena, **pedi a ele, então, que me contasse próximo ao ouvido, como que em segredo, quem estaria em seu ônibus.** E assim ele o fez (Diários de pesquisa, outubro de 2023, grifos nossos).

A partir da leitura do episódio compartilhado, é possível perceber o constrangimento de Adriano com a reivindicação de seus colegas em relação à presença deles em seu desenho, o que nos permitiu verificar a pessoalidade envolvida naquelas produções. Isso porque, por mais que as crianças estivessem desenhando próximas umas das outras, era difícil inclusive para elas identificarem quem estava sendo desenhado até o momento da conversa com o pesquisador. Notamos, dessa maneira, que a organização que havíamos planejado inicialmente, da criação de uma “exposição” para toda a escola, ao final do ano, com os desenhos sendo produzidos pelas crianças no decorrer do período em que foi desenvolvida a pesquisa na escola não seria adequada, uma vez que havia um conteúdo pessoal naquelas produções. Tratá-las como “material de exposição” poderia romper com a cumplicidade que foi sendo constituída entre as crianças e o pesquisador, enquanto ouvinte privilegiado das narrativas dos participantes da pesquisa sobre as suas amizades na escola. Desse modo, renunciamos à proposta de exposição dos desenhos temáticos sobre amizade, buscando a preservação da confiança das crianças.

Mediante o exposto, tomamos para reflexão o questionamento de Agostinho (2010, p. 25) sobre “Quais [são] as formas de participação das crianças em pré-escolas?”. Se pensarmos nessa questão a partir da leitura do episódio compartilhado, é possível elaborarmos uma resposta, inferindo que, do ponto de vista de uma organização metodológica – que carrega, no seu interior, uma *ética de princípios* (Santos, 2017), existe uma legitimação a ser feita das manifestações das crianças, considerando-as fundamentais na estruturação da metodologia de um processo investigativo. Em tal direção, consideramos ser fundamental ao contexto de uma pauta ético-metodológica de construção de uma pesquisa *com* crianças que pesquisadores reconheçam suas opiniões e manifestações naquilo que possa ser pertinente aos objetivos da pesquisa, como foi possível observar no episódio apresentado.

Diante disso, desenvolver uma pesquisa *com* crianças cuja orientação metodológica para a geração dos dados precisa ter como propósito central estabelecer uma aproximação das crianças aos processos de produção de conhecimento científico deve possibilitar aos adultos também perceber as crianças como sujeitos produtores de cultura. Ora, faz-se necessária a percepção do pesquisador sobre a potência das crianças em um processo investigativo sempre que lhes ofertamos as condições básicas para que se manifestem sobre o tema investigado. Ratificando o argumento, Corsaro (2011) afirma que as crianças precisam ser reconhecidas como *copesquisadoras* em investigações nas quais são consideradas participantes. Por conseguinte, Souza (2012, p. 10) declara que as crianças também podem ser concebidas como *parceiras do processo de investigação*, já que “a pesquisa com crianças transborda os limites instituídos pela pesquisa acadêmica tradicional”.

No contexto investigativo de uma escola de Educação Infantil, constituir uma “parceria” entre sujeitos participantes de uma pesquisa *com* crianças, visando, por exemplo, à elaboração de uma interlocução crítica entre referenciais teóricos e as aprendizagens experienciadas no curso de uma investigação, demanda, do pesquisador, sensibilidade na mobilização de suas estratégias de geração dos dados. Isso porque as condições para que as crianças se sintam confortáveis para se expressarem na presença de um adulto (a princípio desconhecido) e de um cotidiano diferente em sua turma precisam ser (re)construídas continuamente nas relações entre tais sujeitos. Por essa via, neste artigo procuramos apresentar os modos como construímos um processo de *ambientação* para o início de uma investigação sobre o tema da amizade em uma escola de Educação Infantil, com crianças de uma turma de Maternal (criança de 3 anos) e de Jardim (crianças de 5 anos). Um dos propósitos desse processo investigativo foi estabelecer com essas crianças um ambiente acolhedor para que elas, no decorrer da pesquisa, pudessem contribuir para a geração dos materiais empíricos que, ao serem registrados pelo pesquisador,

fossem utilizados na construção conceitual da investigação. De fato, esse movimento demandou a sensibilidade do pesquisador em seu agir investigativo para entender que, por trás de todo suposto “dado” de pesquisa, “há sempre um rosto, um corpo, um sujeito” (Silva; Barbosa; Kramer, 2008, p. 81).

Ao realizarmos pesquisas com crianças, é necessária a promoção de espaços para que as crianças também possam nos indicar *caminhos investigativos*, pois, se a teoria “é aquilo que se torna referência, aquilo que [se] referencia”, como declaram Pereira, Gomes e Silva (2018, p. 766), é fundamental que os pesquisadores referenciem as expressividades das crianças como forma de mobilização da construção teórica sobre o tema. No caso de nossa pesquisa, foi a escuta e a relação de confiança constituída com as crianças a partir da participação efetiva delas no processo investigativo que nos possibilitou entender que “[...] a amizade entre crianças pode ser considerada como um conjunto de [...] premissas que ao serem apreendidas e (re)interpretadas pelas crianças, desdobram-se em diferentes estratégias usadas em suas relações sociais, para dar conta das diferentes preferências que elas estabelecem em estar junto (ou não) de determinados colegas” (Machado, 2025, p. 507). Mediante o exposto, inferimos, através da investigação, que a amizade entre crianças é “[...] um processo social indissociável do convívio adulto, [pois] trata-se de um movimento que integra as condições de socialização das crianças, implicando a maneira como elas se percebem e percebem seus colegas, no convívio cotidiano na escola” (Machado, 2025, p. 507).

Diante das discussões desenvolvidas no decorrer do artigo, defendemos que a ética na pesquisa com crianças precisa permear todo o processo investigativo e não apenas ficar subsumida a determinadas etapas iniciais, como a submissão e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Nesse sentido, consideramos a ambientação do pesquisador em campo como prática constituinte de uma pauta ético-metodológica que contribui para a qualificação dos debates sobre metodologias participativas em pesquisas com crianças. Isso porque entendemos que “[...] uma pesquisa com crianças não envolve apenas um trabalho de campo e, de modo correlato, a escrita de um relatório, mas um compromisso ético e político com as crianças que a nós são confiadas” (Machado; Carvalho, 2020, p. 173).

Por fim, argumentamos que são os pesquisadores que devem *problematizar o adultocentrismo* (Morales; Munõz, 2024) na pesquisa com crianças, no intuito de criar condições conceituais e metodológicas para que elas possam se expressar e ter seus pontos de vista reconhecidos como constituintes da investigação realizada. Afinal, como alertam Morales e Muñoz (2024, p. 33, tradução nossa), “[...] é necessário deixar de condenarmos as meninas e os meninos a esta espécie de moratória

social permanente [...]”, problematizando o adultocentrismo que nos constitui enquanto sujeitos no tempo presente e abrindo espaço para a escuta, o diálogo e a promoção da participação das crianças em nossas pesquisas, assim como na vida social.

Referências

AGOSTINHO, Kátia Adair. **Formas de participação das crianças na Educação Infantil**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) – Universidade do Minho, Portugal, 2010.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Entre as culturas da infância e a rotina escolar: em busca do sentido do tempo na educação infantil. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 41, p. 124-141, jun. 2015.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; SANTOS, Nathalia Scheuermann dos; MACHADO, Sandro. Pauta ético-metodológica em discussões sobre pesquisa com (sobre/para) crianças na Educação Infantil. *In*: CARVALHO, Rodrigo Saballa de (org.). **Percursos investigativos em pesquisas com (sobre/para) crianças na Educação Infantil**. Porto Alegre: Cirkula, 2022. p. 11-34.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; SANTOS, Nathalia Scheuermann dos; TEBALDI, Lisiane Rossatto. Ética na pesquisa com crianças: investimentos teóricos, reflexões e desafios em investigações na Educação Infantil. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 23, n. 76, p. 18-46, jan./mar. 2023.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da Infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KÖNGÄS, Mirja; MÄÄTTÄ, Kaarina. Ethnography in early childhood and care. **International Journal of Research in Education and Science (IJRE)**, [s.l.], v. 9, n. 3, p. 787-801, 2023.

MACHADO, Sandro. **Amizades entre crianças na Educação Infantil**. 2025. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

MACHADO, Sandro. **Culturas lúdicas infantis na pré-escola**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MACHADO, Sandro; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Amizades entre crianças bem pequenas no cotidiano da Educação Infantil. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 20, e24786, p. 1-21, 2025.

MACHADO, Sandro; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Notas de campo: percursos éticos e metodológicos em uma pesquisa com crianças na Educação Infantil. **Revista Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 28, p. 159-175, 2020.

MORALES, Santi; MUÑOZ, Marta Martínez. **Adultocentrismo: ¿que piensan chicas y chicos?** Barcelona: Ediciones Octaedro, 2024.

O'KANE, Claire. O desenvolvimento de técnicas participativas: facilitando os pontos de vista das crianças acerca de decisões que as afetam. *In*: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (org.). **Investigação com crianças: perspectivas e práticas**. Porto: Ediliber, 2005. p. 143-170.

PAULA, Maria Esperança de. O processo e o produto da pesquisa: a negociação do texto de pesquisa com as crianças. *In*: PEREIRA, Rita Ribes; MACEDO, Nélia Rezende (org.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012. p. 223-235.

PEREIRA, Rita Ribes; GOMES, Lisandra Ogg; SILVA, Conceição Firmina Seixas. A infância no fio da navalha: construção teórica como agir ético. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 761-780, jul. 2018.

SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart. Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados, v. 5, n. 13, p. 72-85, jan./abr. 2015.

SANTOS, Luciano. Da competência no fazer à responsabilização no agir: ética e pesquisa em ciências humanas. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 1 -13, jan./abr. 2017.

SILVA, Juliana Pereira da; BARBOSA, Silvia Neli Falcão; KRAMER, Sonia. Questões metodológicas da pesquisa com crianças. *In*: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 41-64.

SOUZA, Solange Jobim e. Prefácio. *In*: PEREIRA, Rita Ribes; MACEDO, Nélia Rezende. **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012. p. 09-11.

TOMÁS, Catarina. "Participação não tem idade": participação das crianças e cidadania da infância. **Contexto & Educação**, Ijuí, n. 22, p. 45-68, jul. 2007.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Isabela Beraldi.